

## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
27 de junho a 08 de julho de 2011**

# **JORNALISMO EM QUADRINHOS: REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DA ARTE SEQUENCIAL COMO SUPORTE AO CONTEÚDO JORNALÍSTICO**

**MARCOS ANTONIO CORBARI**

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Carlos André Echenique Dominguez e avaliação dos seguintes docentes:

---

Prof. Carlos André Echenique Dominguez  
Universidade Federal de Santa Maria / Centro de Educação Superior Norte  
Orientador

---

Prof. Leonardo da Rocha Botega  
Universidade Federal de Santa Maria / Colégio Agrícola de Frederico Westphalen

---

Prof. Luis Fernando Rabello Borges  
Universidade Federal de Santa Maria / Centro de Educação Superior Norte

---

Prof. José Antonio Meira da Rocha  
Universidade Federal de Santa Maria / Centro de Educação Superior Norte  
(Suplente)

Frederico Westphalen, 20 de junho de 2011.

# JORNALISMO EM QUADRINHOS: REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DA ARTE SEQUENCIAL COMO SUPORTE AO CONTEÚDO JORNALÍSTICO

## RESUMO

Este estudo objetiva analisar a utilização dos recursos das Histórias em Quadrinhos como suporte ao conteúdo jornalístico, especialmente a reportagem. Ao longo do texto buscamos identificar características que delineiem o que já convencionou-se chamar Jornalismo em Quadrinhos dentro do contexto da produção jornalística. Apresenta-se levantamento desde o surgimento das HQ's até os dias atuais, procurando referenciar os principais responsáveis pela proposta dessa nova utilização dos quadrinhos, contrastando os elementos que afirmam ou que prejudicam os mesmos enquanto suporte jornalístico. O resultado da investigação aponta para a confirmação de um novo fazer jornalístico, que utiliza o potencial da linguagem híbrida das HQ's, texto e imagem integrando-se e complementando-se, em um enunciado discursivo diferenciado e potencializado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias em Quadrinhos, Jornalismo, Jornalismo em Quadrinhos, Arte Sequencial

## INTRODUÇÃO

A utilização da linguagem híbrida (palavra e imagem integradas), característica da Arte Sequencial<sup>1</sup>, como suporte à narrativa jornalística não é novidade. O Jornalismo moderno está interligado desde seus primórdios ao potencial comunicativo dos quadrinhos. No entanto, hoje, esse elo não está mais restrito apenas às tiras rápidas de poucos quadros que divertem os leitores dentro da editoria de variedades. A Arte Sequencial também está presente como elemento imprescindível nas mais diversas editorias, especialmente quando é necessária a reconstituição de uma situação específica à qual não há registro de imagem a respeito. Porém, a reconstituição pura e simples ainda não pode ser considerada legítima expressão do Jornalismo em Quadrinhos, visto que se projeta como ilustração ao texto referenciado, não como suporte ao desenvolvimento da notícia ou da reportagem. (Ver Anexo 1).

Os últimos momentos dentro das aeronaves derrubadas sobre o World Trade Center e o Pentágono - nos atentados de 11 de setembro de 2001<sup>2</sup> - ou a movimentação dos médicos e

---

<sup>1</sup> Arte sequencial, ao longo deste texto poderá ser referida também como histórias em quadrinhos, *comics*, banda desenhada ou simplesmente HQ.

<sup>2</sup> Sid Jacobson e Ernie Colón desenvolveram um álbum em quadrinhos com o relatório oficial sobre os bastidores do atentado de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas, para a revista eletrônica Slate utilizando passagens do The 9/11 Commission Report. A novela gráfica reorganiza o relatório numa cronologia linear, que o original não tinha (PEREIRA, 2007, online). (Ver Anexo 2)

familiares tentando reanimar o astro pop Michael Jackson no dia de sua morte<sup>3</sup>, não poderiam ser ilustradas sem utilizar o recurso da Arte Sequencial somados aos critérios da apuração jornalística e da construção de uma reportagem.

A relação de proximidade entre o Jornalismo e as HQ's chegou a um novo nível com o surgimento do que já se convencionou chamar de HQ-repórter, ou seja, um profissional vinculado ao Jornalismo (jornalista, fotógrafo, ilustrador, etc) que se dedica a transpor sua produção à plataforma característica da Arte Sequencial. O maltês Joe Sacco, que especializou-se em construir suas reportagens a respeito de territórios em conflito em formato de HQ, seja através de narrativas curtas, de poucas páginas, ou de verdadeiros livros-reportagem em quadrinhos, é referencial neste contexto (Ver Anexo 4). Como em muitos outros, a obra de Sacco é herdeira de um autor referente, o sueco Art Spiegelman, que desenvolveu uma obra seminal cujo argumento foi baseado em entrevistas realizadas com seu próprio pai, relembrando fatos vivenciados durante a II Guerra Mundial. *Maus*, de Spiegelman, apesar de alegorizar seus personagens convertendo as matrizes étnicas participantes do enredo em espécies de animais (judeus-ratos, alemães-gatos, americanos-cachorros, franceses-sapos, etc), rendeu-lhe a distinção mais cobiçada por um jornalista: o prêmio Pulitzer (Ver Anexo 5). Nomes referenciais passam a ser lembrados com naturalidade após a citação de Spiegelman e Sacco: Marjane Satrapi (*Persépolis*), Guy Delisle (*Pyongyang - Uma Viagem à Coreia do Norte*), Allan Sieber (*É Tudo Mais ou Menos Verdade*) e Didier Lefèvre (*O Fotógrafo*).

No Brasil o Jornalismo em Quadrinhos tem despertado especial atenção no meio acadêmico, onde despenderam-se esforços de pesquisa sobre o pretense novo gênero. Se ainda falta representatividade da plataforma no mercado formal, experiências de sucesso tem se somado na consolidação do meio, adquirindo mais adeptos que demonstram interesse na sua projeção e reconhecimento. Alguns nomes já são reconhecidos no meio, como Flávio Pinto Valle, Antonio Aristides Correa Dutra, Augusto Paim e Moacy Cirne, entre outros.

## **1 ESTABELECENDO UM PONTO DE PARTIDA**

O Jornalismo é um fenômeno essencialmente narrativo, transposto as mais diversas plataformas. A Arte Sequencial é uma plataforma de expressão dotada de potencialidades discursivas ímpares, apta tanto à construção de uma estória imaginária, quanto ao relato ou a in-

---

<sup>3</sup> História em quadrinhos virtual publicada pelo portal G1 (<http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1290695-7085,00-OS+ULTIMOS+DIAS+DE+MICHAEL+JACKSON.html>), dotada de recursos multimídiaicos como hiperlinks que remetem a referências externas de onde foram baseadas as passagens reconstruídas por meio dos quadrinhos. (Ver Anexo 3)

terpretação construídos a partir de elementos factuais. Barthes contextualiza a questão da multiplicidade das plataformas narrativas:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, na pintura (...), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. Além disto, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades: a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa, todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 1971, p. 19-20)

Se há algo comum em todas as plataformas expressivas adotadas pelo jornalismo é o fato de basearem-se num princípio narrativo comum: a resposta às perguntas do *lead* (O que? Como? Quando? Onde? Porque? Quem?). Embora nem sempre sejam estabelecidas nesta ordem ou venham explícitas no primeiro plano textual como convém na notícia do jornal impresso, mesmo que ampliadas em contextos específicos conforme o meio utilizado no desenvolvimento do produto (impresso, eletrônico, textual, audiovisual, etc), os seis interrogatórios iniciais baseiam o princípio jornalístico. Se aplicarmos este princípio a leitura de obras a exemplo das citadas anteriormente, poderemos identificar ao longo de seu curso as respostas que formulam o conceito de real. Elementos característicos da apuração jornalística também serão percebidos com facilidade, como a pesquisa histórica, a presença *in loco* do repórter, o relato de testemunhas, a identificação de causas e motivos, a entrevista e, até, a fotografia.

Os grandes expoentes internacionais que lançam bases ao Jornalismo em Quadrinhos apresentam produções que se identificam predominantemente como peças documentais, ou seja, documentários em formato de Arte Sequencial, ou ainda – talvez mais precisamente – como *grandes reportagens*<sup>4</sup>. Mesclam elementos da investigação e da reconstituição histórica, da apuração jornalística e da própria reconstrução cenográfica a serviço da ampliação do potencial da mensagem real ou da reflexão a seu respeito. São grandes reportagens ou mesmo livros-reportagem, publicados normalmente em unidades avulsas sequenciais ou reunidas em volume único.

No Brasil o Jornalismo em Quadrinhos possui diferenciais relevantes. As peças são predominantemente curtas, são raros os casos de desenvolvimento de livros-reportagem, por

---

<sup>4</sup> Felipe Rodrigues, em sua dissertação de Mestrado, ao abordar o tema reflete: “A reportagem significa um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame.”. (2010, p.17)

exemplo. Embora encontrando alguns espaços na mídia tradicional, seguem atreladas às formas independentes de publicação ou amparadas na exposição e reprodução privilegiada através da internet. Aliás, o meio digital tem ampliado consideravelmente o potencial narrativo das peças através de seus recursos multimidiáticos, não raro estabelecendo vínculos externos. Um caso interessante é a recomposição dos últimos momentos de vida do cantor Michael Jackson até o seu enterro, executada a pedido do portal G1 ([www.g1.com.br](http://www.g1.com.br)), onde a HQ está interligada a fontes externas que a justificam através de *hiperlinks* diretos (Ver Anexo 3).

A produção *underground* também ganha força a partir da plataforma, encontrando espaço para tratar de pautas que cotidianamente não recebem a devida atenção pelos grandes meios, quando não são expostas de acordo com um viés específico de interesse de um segmento social dominante. A Marcha da Maconha na cidade de Salvador, por exemplo, que teve sua primeira edição em 2008 transformada em HQ por alunos da Universidade Federal da Bahia, é um caso clássico, onde a versão dos fatos a partir do ponto de vista dos participantes da atividade não teve espaço para ser apresentada nos meios tradicionais. No ano seguinte a reportagem em quadrinhos seria inclusive premiada no XVI Prêmio Expocom, acompanhada de um *paper* científico em anexo (Ver Anexo 6).

O Jornalismo em Quadrinhos está alinhavando suas experiências no país e começando a ter sua realidade consolidada. Diversos estudos a respeito tem sido empreendidos através dos cursos de comunicação, artes e letras. Até um evento especialmente proposto para debater o assunto foi realizado em outubro de 2010 em Porto Alegre, o I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos, reunindo diversos realizadores (*HQ-repórteres*), apreciadores e apoiadores (Ver Anexo 12).

## **2 DEFININDO OS ELEMENTOS BÁSICOS DE ANÁLISE**

Inicialmente é preciso definir o que são Histórias em Quadrinhos, objeto de suporte à expressão em análise neste estudo. Sofia Lutyen diz que “elas são formadas por dois signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita” (1985, p.11), numa sequência narrativa contínua. Maria Beatriz Rahde (1996, p.103) cita ainda a existência de “mais um elemento gráfico na sua composição, que aparece como um prolongamento do personagem, o que proporciona maior dinamização na leitura”, referindo-se aos chamados balões, onde normalmente são impressas as expressões de fala dos personagens. Nadilson Manoel da Silva (2001) apresenta a HQ como “um tipo de linguagem que, utilizando-se da combinação de textos e desenhos (...), através do encadeamento de quadros, narra uma história ou ilustra uma situação” (2001, p.01). Scott MacCloud (1995, p. 4), afirma por sua vez que o termo “quadrinhos” refere-se “ao meio

em si, não a um objeto específico como *revista* ou *gibi*”, explicando que para se chegar a uma definição menos neutra no que se refere a aspectos como estilo, qualidade ou assunto, é preciso separar forma e conteúdo, ou seja:



(McCLOUD, 1995, p.6)

McCloud de forma irônica tenta definir com clareza o termo, decompondo cada elemento presente através da expressão “imagens pictóricas e outras justapostas em sequencia deliberada”, para em seguida retornar a simplicidade do mestre Will Eisner: “...na maioria dos casos, esta (arte sequencial) é a única definição de que iremos precisar” (1995, p.9).

### 3 HISTÓRIA DA ARTE SEQUENCIAL

Ao buscar a primeira referência a respeito da origem das Histórias em Quadrinhos, deparamo-nos com a própria origem da linguagem escrita, no interior das cavernas e nas diversas superfícies rochosas onde os habitantes primitivos, portadores das primeiras características que indicavam o surgimento do homem enquanto portador de capacidade de aprendizado, desenvolvimento de pensamento crítico e possibilidade expressão, legaram passagens de seu cotidiano através de pinturas rupestres. Conforme Rahde (1996, p.103), “frente aos perigos de um meio hostil, o homem descobriria, sem mesmo o saber, a sua capacidade criadora através da imagem, não só comunicando, mas produzindo cultura”. Ela acrescenta ainda que “destes primeiros artistas que exercitavam ludicamente as próprias mãos (...) nasceram as primeiras sequências de imagens, que permitiram aos antropólogos maior conhecimento das culturas primitivas, pela sua iconografia”.

Referenciais mais claros poderiam ser percebidos nos hieróglifos egípcios, preservados no interior das construções contemporâneas às pirâmides. Rahde destaca que a técnica narrativa, enquanto história por trás da imagem, já consta em registros de 15.000 a 10.000 a.C. Aliás, o autor José Gaiarsa, citado no artigo, é claro ao propor que “a primeira forma de escrita conhecida – os hieróglifos do Egito – foi o segundo tipo de Histórias em Quadrinhos que a humanidade conheceu” (1970, p.116). O tema também é abordado por Will Eisner: “As

primeiras narrações em tapeçarias, frisos ou hieróglifos registravam eventos ou procuravam reforçar mitologias; elas falavam a um grande público.” (1985, p.138).

McCloud porém discorda da inclusão dos hieróglifos neste contexto, explicando que os grifos que aparentemente representariam figuras pictóricas, na verdade tratam-se de representações de sons, a exemplo do que ocorre com o nosso alfabeto, “assim o descendente dos hieróglifos é a palavra escrita, não os quadrinhos”(1995, p.13). A pintura egípcia, porém, é legítima, conforme constata, explicando que a sequência somente se percebe quando vislumbrada a tela toda, ao contrário do que normalmente fazem os livros de história da arte, que recortam determinadas imagens para expô-las como ilustração.

McCloud apresenta ainda considerações a respeito de um manuscrito em imagens pré-colombiano, “descoberto” por Cortês em torno de 1519 (que) conta sobre o personagem 8-Cervos Garras de Tigre, segundo tradução do historiador e arqueólogo mexicano Afonso Caso. Datada de séculos antes existe uma tapeçaria francesa chamada “Bayeux Tapestry”, com cerca de 70 metros, que se utiliza de técnica semelhante de ilustração e narra a conquista normanda da Inglaterra, em 1066, a exemplo do códice mexicano, sem requadros, mas com clara divisão de cenas a partir de assuntos (McCloud, 1995, p.12-13)

Outra referencia que necessariamente deve ser citada quando se propõe a estabelecer as matrizes primárias da Arte Sequencial, é a Coluna de Trajano (Itália, ano 113), ainda permanecendo entre os exemplos apresentadas por McCloud. Trata-se de uma realização do arquiteto Apolodoro de Damasco, a pedido do próprio imperador, incrustando em um monumento de aproximadamente 38 metros de altura, desenhos de baixo relevo que apresentam passagens alegóricas a respeito das vitórias dos militares romanos contra os povos Dácios.

Avançando na linha do tempo é preciso citar o inglês Willian Hogarth, que produziu seis ilustrações sequenciais intituladas “O progresso de uma prostituta”, em 1731, que “apesar de ter poucos quadros (...) contam uma história rica em detalhes e motivada por fortes preocupações sociais” (McCloud, 1995, p.16). Expostas como uma série de pinturas, depois foram comercializadas como um portfólio de gravuras, porém o mais relevante é a intencionalidade do autor, que projetou-as para serem expostas lado alado, em sequência. “O progresso de uma prostituta e sua continuação se tornaram tão populares que novas leis de direitos autorais foram criadas para proteger essa nova forma de arte” (McCloud, 1995, p.16).

#### **4 A UM PASSO DA CONTEMPORANEIDADE**

Scott Macloud apresenta como “pai” dos quadrinhos modernos o suíço Rodolphe Töpffer, que em “cujas histórias com imagens satíricas, iniciadas em meados do século XIX,

empregava caricaturas e requadros – além de apresentar a primeira combinação interdependente de palavras e figuras na Europa” (McCloud, 1995, p.17). Considerada uma de suas mais importantes contribuições, o livro “Les Amours de monsieur Vieux Bois”, foi publicado em 1842 nos Estados Unidos, com o título “The Adventures of Mr. Obadiah Oldbuck”, tendo sido possivelmente o primeiro livro de banda desenhada publicado naquele país (Ver Anexo 7).

Infelizmente nem o próprio Töpffer conseguiu compreender todo o potencial de sua invenção, tomando-a como um simples hobby (...) mesmo assim, a contribuição de Töpffer pros quadrinhos é considerável, pois apesar de não ser nem desenhista nem escritor ele criou uma forma que era as duas coisas. Uma linguagem própria. (MCCLLOUD, 1995, p.17)

Histórias em Quadrinhos em seu formato atual, têm sua origem diretamente associada ao universo jornalístico. A referência concreta mais aceita pelos pesquisadores remete a um personagem originalmente publicado no jornal *New York World*, de Joseph Pulitzer, depois no *New York Journal*, de William Randolph Hearst. A referência em questão é a tira “*Down on Hogan’s Alley*”, assinada por Richard Felton Outcault, a partir de 1894, que retrata o cotidiano de um beco novaiorquino onde habitam personagens caricatos, dentre os quais o menino Mickey Dugan, mais tarde conhecido como *Yellow Kid* (Menino Amarelo) (Ver Anexo 8).

As passagens ilustradas por Outcault representam o que se convencionou entender como “tiras”, ou seja, passagens rápidas, normalmente humorísticas e não raro apresentando sarcásticas críticas sociais. Foi através das desventuras vividas pelo Menino Amarelo e seus vizinhos que se utilizou pela primeira vez os elementos centrais que caracterizam a HQ como forma de expressão. Depois de sintetizar tudo o que tinha sido feito antes dele (JARCEN, 2007, pg 02), em 1896, Outcault apresentava a inovação definitiva que demarcaria o início daquilo que hoje consideramos uma HQ: a utilização de espaço físico dentro do próprio quadrinho destinado a dar voz ao personagem, no caso o camisolão amarelo do menino, onde eram representadas suas falas, gênese dos balões atuais. Até então as histórias eram desenvolvidas a partir do ponto de vista de um narrador que ordenava o texto externamente.

Ao “aprender a falar”, o Menino Amarelo assumiu o protagonismo de uma forma de expressão nascente, que ao longo do tempo iria se delineando e delimitando dentro dos moldes hoje preconizados, principalmente permitindo que cada personagem alcançasse o desenvolvimento psicológico individual, potencializasse os modos de expressão e personalidade característicos. O Menino Amarelo foi o precursor das tiras que posteriormente elevariam o



formato não apenas como uma forma criativa de entretenimento, mas até mesmo como matéria prima para a formação de uma estrutura industrial em escala global.

Carlos Patati e Flávio Braga, em seu “Almanaque dos Quadrinhos”, apresentam a plataforma de expressão da Arte Sequencial e suas diversas vertentes como “um dos mais difundidos meios de fabulação visual e popular do planeta” (2009, pg 9). (Ver Apêndice 1)

## 5 QUANDO A PLATAFORMA ARTÍSTICA TORNA-SE INFORMATIVA

A proposta da interpretação da HQ como plataforma ao desenvolvimento de conteúdo jornalístico é relativamente recente. Realidade ainda mais contemporânea é a ampliação deste conceito dentro da análise dos gêneros jornalísticos, ampliando a proposta antes apenas restrito às tiras, charges e *cartoons* para a proposta ampliada das produções sequenciais ao longo de páginas ou mesmo em publicações independentes, como revistas e livros dedicados.

Personalidade referencial, o escritor e quadrinhista americano Will Eisner, estabelece uma base genérica para a leitura acadêmica da plataforma HQ, a partir da qual é possível iniciar uma interpretação por onde se estabelece o conceito desta como suporte a um gênero jornalístico determinado (ex: livro reportagem), ou ainda, a proposta mais arrojada de formalização de um novo conceito específico, chamado Jornalismo em Quadrinhos. No prefácio de “Quadrinhos e Arte Sequencial”, Eisner assume o intuito de examinar a “singular estética” das HQ’s “como um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma idéia” (1985, p.5). Se neste primeiro momento ainda qualifica a plataforma como essencialmente “artística e literária”, a seguir proporá em formato de pergunta a missiva que será decisiva ao lançamento das bases do Jornalismo em Quadrinhos: “Mas, a menos que os quadrinhos se ocupem de temas de maior importância, como podem esperar por um exame intelectual mais sério?” (1985, p.5). Na sequência, nova referencia, desta vez propondo o conceito “arte de comunicação”:

“Quando comecei a desvendar os componentes complexos, detendo-me em elementos até então considerados instintivos e tentando explicar os parâmetros dessa forma artística, descobri que estava envolvido mais com uma ‘arte de comunicação’ do que com uma simples aplicação de arte”. (EISNER, 1985, p.6)

### 5.1 QUADRINHOS, LINGUAGEM E LEITURA

Segundo Eisner (1985), a disposição dos elementos específicos presentes em uma HQ assumem a característica de linguagem, legitimada a partir da experiência visual comum entre criador e público. O autor apega-se a Tom Wolf para explicar como a HQ pode ser chamada de leitura num sentido mais amplo do que o comumente aplicado ao termo.

“Pesquisas recentes mostram que a leitura de palavras é apenas um subconjunto de uma atividade humana mais geral, que inclui a decodificação de símbolos, a integração e a organização de informações... Na verdade, pode-se pensar na leitura – no sentido mais geral – como uma forma de atividade de percepção. A leitura de palavras é uma manifestação dessa atividade; mas existem muitas outras leituras – de figuras, de mapas, diagramas, circuitos, notas musicais...” (WOLF apud EISNER, 1985, p.8)

Seguindo com sua análise, Eisner aponta que os quadrinhistas desenvolveram em seu ofício uma proposta interativa entre palavra e imagem, citando que teriam então alcançado durante o processo “uma hibridação bem sucedida de ilustração e prosa”. Acrescenta ainda:

“A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. (...) A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual.” (EISNER, 1985, p.8)

Se, conforme registra Eisner (1985), entre os anos 1940 e 1960, a visão da indústria restringia o perfil do público a faixa dos 10 anos. A propulsão da linha *underground* e o advento das novelas gráficas (*graphic novels*), idealizadas pelo próprio Eisner, abriria discussão a respeito do futuro da plataforma “na escolha de temas mais importantes e na inovação da exposição”. Para ele existiram até então duas aplicações básicas para a Arte Sequencial, que deveria servir ao entretenimento ou à instrução. No primeiro caso estariam enquadrados as revistas de quadrinhos e novelas gráficas (*graphic novels*), enquanto no segundo estariam os manuais de instrução e os *story boards*. Porém o próprio Eisner previa, ainda em meados da década de 1980, a busca pelo reconhecimento por parte de público e indústria.

“O futuro dessa forma aguarda participantes que acreditem realmente que a aplicação da arte sequencial, com o seu entrelaçamento de palavras e figuras, possa oferecer a dimensão da comunicação que contribua para o corpo da literatura preocupada em examinar a experiência humana” (1985, p.136)

Neste sentido podemos identificar que a ideia de associação do Jornalismo com a Arte Sequencial propõem-se a ser uma das vertentes contemporâneas sobre a divisão inicialmente proposta por Eisner e – por ele mesmo – antecipada como passível de mudança. Além do caráter instrucional e de entretenimento, hoje se prioriza o debate a respeito do conceito de informatividade.

## 5.2 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Antes de propor o Jornalismo em Quadrinhos como um novo gênero jornalístico é preciso compreender de que se trata esta definição. Jorge Lellis Bomfim Medina estabelece em linhas gerais, de forma bastante acessível, o conceito:

(...) os gêneros jornalísticos são determinados pelo modo de produção dos meios de comunicação de massa e por manifestações culturais de cada sociedade. Realizar uma classificação universal é praticamente uma tarefa impossível, uma vez que eles estão sempre em mudança, em transformação. O que pode ser um gênero hoje amanhã não será mais ou o que pode ser um

gênero em um determinado país não é em uma outra sociedade. Gêneros aparecem, mudam e desaparecem, conforme o desenvolvimento tecnológico e cultural de cada nação e da empresa jornalística. O que é politicamente correto é adaptá-los da melhor forma para suprir as necessidades dos leitores e dos profissionais de imprensa. (MEDINA, 2001, p.6)

O jornalista e pesquisador José Marques Melo é citado no mesmo artigo:

“Classificar gêneros jornalísticos é o maior desafio do jornalismo, como campo do conhecimento, é, sem dúvida, a configuração da sua identidade enquanto objeto científico e o alcance da autonomia jornalística que passa inevitavelmente pela sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade, ou seja, do seu discurso manifesto. Dos escritos, sons e imagens que representam e reproduzem a atualidade, tornando-se indiretamente perceptível” (MELO apud MEDINA, 2001, p.3).

A definição destes gêneros já foi matéria de estudos no campo do próprio jornalismo, quanto em áreas como análise do discurso, semiótica e linguística. Medina faz referência a um trabalho de Gargurevich, que resgata e reúne vários pesquisadores, priorizando como mais importantes a nota informativa, a entrevista, a crônica, a reportagem e os gráficos (fotos, caricaturas, mapas, tiras cômicas). Em seguida apresenta as colunas, os artigos, os testemunhos, as resenhas, a crítica, a polêmica ou debate, as campanhas, a titulação e os folhetins. “O autor observa que não é uma classificação fechada e que vários textos combinam vários gêneros dependendo do talento do redator” (MEDINA, 2001, p.4).

Para Marques de Melo os gêneros são determinados pelo estilo, o que leva a depender de “uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas)”, evidenciando que “a sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados” (MELO apud MEDINA, 2001, p.5). Convencido que uma classificação de gênero em amplitude universal seria algo improvável, Melo propõe então uma interpretação dos gêneros jornalísticos brasileiros, a partir de duas categorias centrais: a reprodução do real e a leitura do real. A classificação então compreende gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista) e gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, coluna, crônica, caricatura e carta).

Ainda segundo Medina, “a maioria dos jornais brasileiros divide os gêneros jornalísticos em quatro grandes grupos: informativo, com a preocupação de relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível; interpretativo, que, além de informar, procura interpretar os fatos; opinativo, expressa um ponto de vista a respeito de um fato; entretenimento, que são informações que visam à distração dos leitores” (2001, p. 7).

O próprio Medina arrisca-se a apresentar sua definição, um pouco mais abrangente, a respeito destes gêneros: informativos (nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada), opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta, crônica), utilitários

ou prestadores de serviços (roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional), ilustrativos ou visuais (gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia), propaganda (comercial, institucional e legal) e entretenimento (passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, charadas, horóscopo, dama, xadrez e novelas).

### 5.3 UM NOVO GÊNERO?

Para que se propicie debate a respeito da interpretação do Jornalismo em Quadrinhos a partir da ideia de um novo gênero jornalístico é preciso diferenciar dois aspectos principais: os quadrinhos ficcionais dispostos nas sessões de entretenimento não podem ser confundidos com o trabalho de reportagem em quadrinhos desempenhada depois de vencidas as etapas necessárias à apuração e construção adequada da narrativa. O Jornalismo em Quadrinhos surge como um nicho repleto de especificidades dentro da ideia ampla de um “quadrinho verdade”:

(...) quadrinhos verdade: histórias em quadrinhos que tem por finalidade serem um canal de comunicação de fatos ocorridos em contextos histórica e geograficamente localizados, levando-se em conta o ponto de vista do autor – assim como deve ser feito em relação a à visão de qualquer comunicador dos meios convencionais. (GONÇALVES, 2005, p.6)

O jornalista Augusto Paim, pesquisador do assunto e organizador do I Seminário Internacional de Jornalismo em Quadrinhos, defende a interpretação do mesmo como “novo gênero jornalístico multimodal” (2007, p.7) e não como uma mera subdivisão entre os conceitos pré-existentes. “O Jornalismo em Quadrinhos é um gênero relativamente novo e por isso precisa ser discutido, debatido e estudado, tanto em seu sentido de produção – as especificidades da linguagem – quanto de repercussão – em que medida adequa-se ou não ao jornalismo”, reflete.

Algumas vertentes do jornalismo vêm-se desenvolvendo ao longo dos anos, numa alternativa ao modo tradicional de se construir uma notícia (*lide*, pirâmide invertida etc). Exemplos dessas vertentes são o Jornalismo Literário, o *Webjornalismo* e, mais recentemente, o Jornalismo em Quadrinhos. Todas elas usam elementos da especificidade dessas linguagens (literatura, hipertexto e quadrinhos, respectivamente) para construir a narrativa jornalística. (PAIM, 2007, p.10)

Paim em seu site atenta também em observar o que **não** é Jornalismo em Quadrinhos:

Com essa definição em vista, fica claro que adaptações de reportagens feitas em outros formatos ou o uso de quadrinhos em infográficos não são Jornalismo em Quadrinhos. Da mesma forma, charges, cartuns, tiras de humor e outros quadrinhos publicados regularmente em jornais não estão contemplados no uso correto do termo. No entanto, Aristides Dutra, em sua dissertação defendida em 2003 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, reconstrói a origem do Jornalismo em Quadrinhos apontando a estreita e antiga ligação entre jornalismo e quadrinhos. Há que se diferenciar também Jornalismo em Quadrinhos do termo “jornalismo de quadrinhos”. Este último diz respeito aos portais, sites e blogs jornalísticos que veiculam notícias sobre quadrinhos, notícias essas que podem ser meramente texto, ou então reportagens de televisão ou de rádio. Jornais ou outros veículos que publicam eventualmente matérias sobre quadrinhos ou mesmo que tenham uma editoria fixa sobre o assunto, também estão fazendo jornalis-

mo de quadrinhos, mas não necessariamente Jornalismo em Quadrinhos. (PAIM, disponível em [http://www.augustopaim.com.br/jornalismo\\_quadrinhos.asp](http://www.augustopaim.com.br/jornalismo_quadrinhos.asp))

#### 5.4 DE VOLTA AOS QUADRINHOS (CONTRAS E PRÓS)

Se por um lado é fácil apontar aspectos que distanciam a linguagem característica da HQ e seus recursos discursivos dos modos de produção tradicionais do jornalismo, por outro – embora seja um tanto mais complexo – pode-se referenciar diversos procedimentos que tendem a legitimar experiências empreendidas neste campo. Que o Jornalismo em Quadrinhos existe é fato, o que se debate ainda é a sua relevância, legitimidade e nível de independência dentro dos diversos procedimentos do fazer jornalístico.

Existe um enfrentamento claro do campo das linguagens e dos recursos discursivos. O jornalismo pretende-se objetivo em sua essência, embora – bem o sabemos – essa pretensa objetividade tende mais à mítica do que prática profissional. A HQ é subjetiva por excelência: sua plataforma expressiva foi desenvolvida muito mais voltada para o despertar da emoção e da reflexão do que propriamente o intento da informação. Aqui se chega a um ponto culminante: um *HQ-repórter* jamais poderá ser noticiarista, ele é essencialmente repórter, ou seja, predispõem-se ao exercício da reportagem, a qual evoca uma série de procedimentos que indicam o caminho da subjetividade que amplia as respostas propostas pelo *lead*.

O procedimento de confecção de uma reportagem em quadrinhos não poderá jamais se deter ao fato puro e simples. Precisa aprofundar-se na realidade além do elemento externo, tratar da verdade através de suas versões, investigar, ampliar o referencial, enriquecer o detalhe com a imagem, ir além da palavra. Joe Sacco lembra seguidamente em suas entrevistas do motivo que levou o seu rompimento com o modelo tradicional do jornalismo estadunidense: a veiculação da luta do povo palestino na mídia tradicional associava aquele povo aos procedimentos terroristas, normalmente noticiando os atos em si, sem a abordagem dos elementos que os motivariam e das condições que induziram a sua realização. “*I knew nothing about the Palestinians. I didn't know why they were fighting at all or what they were striving for. It never seemed to come up in the American media.*”<sup>5</sup> – afirmou em entrevista concedida à repórter Laila El-Haddad, da rede Al Jazeera, onde tentou explicar ainda a valorização da subjetividade na construção de suas reportagens em quadrinhos: “*I want to show things from my point of view*

---

<sup>5</sup> Eu não sabia nada sobre os palestinos. Eu não sabia por que estavam lutando ou o que estavam buscando. Isso parecia não chegar nunca até na mídia americana. (tradução do autor)

*because. I think it's more honest in a way to be subjective. Admit your prejudices; admit those points when you feel uncomfortable in a certain situation. Just admit it*<sup>6</sup>.

Relacionando aspectos importantes que credenciam a utilização da arte sequencial para amparar enunciados discursivos de realidade, Maurício Rodrigues Gonçalves usa uma cena hipotética onde um repórter toma chá em uma cidade do oriente médio e uma bomba explode nas proximidades. Questiona o que restou então, uma vez que o clímax da ação não foi captado pelo profissional.

Restou a possibilidade de se fazer uma narrativa que misture tempo, espaço, gostos, cheiros, momentos, surpresas, sons e tudo mais que tenha participado daquele momento único, e que, após convertida em uma página, ou um capítulo, e publicada em um livro, torne-se, para o leitor que não estava lá, uma reprodução daquela realidade, ou de, pelo menos, parte dela. (...) Há de se convir que a fotografia ainda seja a mais adequada forma de mostrar fisionomias com quase total fidelidade à realidade, mas para representar estados psíquicos, ou momentos que duram mais que o abrir e fechar do obturador da máquina fotográfica, nada melhor que o desenho. (GONÇALVES, 2005, p.29, p.38)

## 6 PERSONALIDADES REFERENCIAIS

As HQ's jamais se ausentaram do meio jornalístico. Estão presentes nas tiras humorísticas das sessões e cadernos de variedades, são utilizados como recurso visual para ilustrar reconstituições criminais a que não se teve acesso a imagens fotográficas, são evocadas como recursos para a reprodução de fatos históricos do passado em datas comemorativas, entre outras possibilidades. Do início da década de 1990 para cá – porém –, tem se intensificado o debate e a pesquisa a respeito da utilização da linguagem dos quadrinhos como suporte parcial ou total à reportagem, ou seja, a prática do Jornalismo em Quadrinhos.

As bases que propõem o uso dos quadrinhos como plataforma à produção jornalística são estabelecidos a partir da produção *underground* presente nos anos 60 e 70, especialmente através de autores que permeiam a sua obra ficcional com elementos de realidade, bem como alguns que utilizam a criação de suas HQ's como referencial autobiográfico ou na reconstituição de fatos históricos. Cite-se como referência a obra de Will Eisner e Robert Crumb.

Eisner cunhou o termo *graphic novel*, romance gráfico, e especificou que se tratava de algo mais do que um gibi bem impresso. Na tradição européia dos anos 70, tratava-se de trabalhar textos e desenhos na direção de uma expressividade mais assumidamente pessoal. No caso de Eisner, essa demanda se nutriu principalmente de suas memórias da época da depressão... (PATATI e BRAGA, 2006, p. 89).

Ao falar de jornalismo em quadrinhos é preciso apresentar algumas referências obrigatórias no que tange à produção, especialmente por refletirem trabalhos que despertaram o de-

---

<sup>6</sup> Quero mostrar as coisas do meu ponto de vista porque acho que é mais honesto ser subjetivo. Admitir seus preconceitos; admitir os pontos quando você se sentir desconfortável em uma determinada situação. Apenas admitilo. (tradução do autor)

bate a respeito do reconhecimento da HQ como suporte à produção jornalística. Referencie-se aqui, além do sueco Art Spiegelman – autor de *Maus* – e do maltês Joe Sacco – autor de *Palestina* –, a iraniana Marjane Satrapi – autora de *Persépolis* – e os franceses Guibert, Lefèvre e Lemercier – realizadores da série O Fotógrafo.

## 6.1 ART SPIEGELMAN

De origem sueca (Estocolmo, 15 de fevereiro de 1948), Art Spiegelman desenvolveu uma extensa carreira como ilustrador, cartunista e autor de histórias em quadrinhos. Notabilizou-se como o primeiro quadrinhista a ser contemplado com a mais cobiçada distinção do jornalismo, o prêmio Pulitzer, com a obra semi-biográfica *Maus*, onde relata passagens vividas pelo seu pai nos campos de concentração alemães, alegorizando os grupos étnicos envolvidos no conflito através de figuras de animais (Ver Anexo 5).

Spiegelman atuou dentro do chamado movimento *underground* dos quadrinhos nas décadas de 1960 e 1970, contribuindo para publicações como *Real Pulp*, *Young Lust* e *Bizarre Sex*. Posteriormente trabalharia como ilustrador de adesivos e pôsteres. Fundou duas publicações antológicas de quadrinhos, a *Arcade*, com Bill Griffith, e a *RAW*, com sua esposa, a artista e também quadrinhista Françoise Mouly. Em 1986 foi lançado o primeiro volume de *Maus* (*Maus: A Survivor's Tale*) que retratava a história de como seus pais sobreviveram ao Holocausto. O segundo volume, *Maus: And Here My Troubles Began*, sairia em 1991. Esta obra atraiu imensa atenção da crítica para um trabalho feito em quadrinhos, incluindo uma exibição no Museu de Arte Moderna em Nova York e rendendo-lhe um prêmio Pulitzer especial em 1992. Em setembro de 2004 ele lançou o livro *In the Shadow of No Towers* (*À Sombra das Torres Ausentes*), no qual relata suas experiências sobre o ataque às torres gêmeas e os posteriores efeitos psicológicos, resgatando a mesma técnica empregada na composição artística de *Maus*. Em 2005, a revista *Time* elegeu Spiegelman uma das 100 pessoas mais influentes do mundo.

Entre os estudos realizados no Brasil a respeito da obra, frisamos o trabalho de conclusão de curso apresentado pelo publicitário Maurício Rodrigues Gonçalves à Universidade Católica de Pelotas, intitulado “*Maus: uma visão metafórica da realidade através dos quadrinhos verdade*”:

Art Spiegelman situa a sua narrativa entre as sessões de entrevista com seu pai e a história deste como sobrevivente ao holocausto nazista, durante a segunda guerra mundial. (...) retratou seus pais como ratos – e também todos os demais judeus – e os nazistas como gatos, utilizando-se de uma interessante metáfora visual, presente no imaginário de quase todo ser humano, como símbolo de perseguição. (GONÇALVES, 2005, p.6)

Ao iniciar a conclusão de sua análise, Gonçalves é eloquente:

Spiegelman deu ao mundo suas vísceras para serem dissecadas, ao publicar essa importante obra. Mostrou de forma crua e contundente um contexto já bem conhecido, porém nunca antes visto pelo ângulo por ele utilizado. Acima de tudo, ele usou a arte para mostrar a tragédia, o lúdico para mostrar o feio, a morte para mostrar a sobrevivência. Essa pode não ser a versão definitiva da realidade vivida nos campos de contração nazistas, mas ainda assim é um importante documento sobre o período, e deve ter seu nome marcado na história. (GONÇALVES, 2005, p.37)

## 6.2 JOE SACCO

Joe Sacco é natural da Ilha de Malta, nascido em 1960. Embora não tenha sido o primeiro a mesclar a proposta da arte seqüencial ao enunciado informativo, tornou-se o mais célebre militante pelo reconhecimento da plataforma expressiva como gênero jornalístico. Pelo seu característico estilo mesclando a HQ e o Jornalismo, Sacco recebeu importantes prêmios nas duas áreas em que atua, sendo até mesmo comparado a Art Spiegelman, autor de Maus.

Graduado em jornalismo pela Universidade do Oregón em 1981, a partir de 1988 se dedicou a viajar pelo mundo, e logo publicou seu primeiro livro de quadrinhos, *Yahoo*, que abordava diversos temas. Desde 1993 até 1995 trabalhou no livro *Palestina*, sua primeira obra referencial, onde passou para o papel suas próprias experiências em territórios ocupados na Palestina. Lançaria as bases para que principiasses os comparativos entre a sua obra e produtos jornalísticos conhecidos como “grande reportagem<sup>7</sup>” ou “livro reportagem<sup>8</sup>”. Em 1996 foi premiado com o American Book Awards. Em 2000 publicou *Área de Segurança: Gorazde*, sobre a guerra civil na Bósnia Oriental, e foi premiado pela Fundação Guggenheim. Em 2003, continuando o trabalho anterior publicou *O Mediador* novamente centrado no conflito da antiga Iugoslávia. Seguiu a produção com os títulos *Derrotista* (coletânea autobiográfica, 2003), *War's End: Profiles from Bosnia 1995-96* (2005), *But I Like It* (2006) e o mais recente *Notas sobre Gaza* (2010). A exceção de *Derrotista*, que mescla passagens baseadas em fatos reais autobiográficos e projetos ficcionais diversos, todos os demais aprofundam-se no que vem a ser proposto como Jornalismo em Quadrinhos (Ver Anexo 4).

7

Aprofundamento das ideias em relação à “reportagem comum” e ao texto noticioso (relato de um fato); contextualização do assunto; ampliação da visão sobre os fatos: privilegia-se o antes e o depois em vez apenas do agora (aprofundamento extensivo e intensivo sobre algo); busca de um entendimento mais amplo (LIMA, 2008). Junção do jornalismo literário com o jornalismo de investigação, proposta de que todas as reportagens sejam documentais e literárias “assim como o grande jornalismo deve ser”; pode unir a dimensão literária – qualidade da escrita, da narrativa – à dimensão documental – buscar a realidade (FAERMAN)

8

“O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao costumeiro nos meios de comunicação periódicos” (LIMA, 2008). Difere dos demais livros quanto ao conteúdo (corresponde ao real, ao factual, não à ficção, o que exige veracidade e verossimilhança na escrita); quanto à linguagem, montagem e edição do texto uma vez que, apesar do teor literário presente no mesmo, seu caráter essencial é eminentemente jornalístico (linguagem simples, exata, concisa); e quanto a função, pois por se tratar de um trabalho jornalístico tem as funções correspondentes ao mesmo, ou seja, informar, orientar, explicar (Wikipédia).



A produção de Jornalismo em quadrinhos, para Sacco iniciou de forma inconsciente, mas depois recebeu nosso ares, como ele deixa claro em passagem de uma entrevista concedida a Raquel Cozer para a sessão “Notícias em HQ” do jornal O Estado de São Paulo:

Não estava pensando em criar uma nova forma de arte ou seja o que for. Não foi uma decisão consciente, foi meio orgânico. Pensei: vou viver essas experiências, falar com as pessoas, anotar e colocar isso junto. É claro, eu tinha o *background* jornalístico e isso teve impacto no formato que a coisa tomou, mas só depois comecei a pensar mais claramente no que estava fazendo. Foi na história sobre a Bósnia (*Gorazde*) que comecei a pensar conscientemente em jornalismo em quadrinhos. (SACCO, 2010)

Uma dissertação de mestrado se destaca entre os trabalhos acadêmicos que analisam a obra de Joe Sacco, defendida em 2010 pelo fotógrafo Flávio Pinto Valle, intitulada “A reivindicação do estatuto jornalístico nas histórias em quadrinhos de Joe Sacco”, pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

(...) na obra do repórter, observo que um elemento a destaca das demais obras que compõem a tradição do quadrinho autobiográfico: ele constrói seu “eu” por meio de sua inserção em uma comunidade profissional que se define pelo conjunto de valores éticos e de normas técnicas que orientam seus integrantes no desempenho de suas atividades. Nesse sentido parece-me que a diferença entre as HQ’s de Sacco e a dos demais quadrinistas da nova geração *underground* repousa sobre a sua afirmação de sua identidade jornalística. Posto que a autobiografia se estabelece e se expressa por meio da ocupação dos postos de autor, narrador e personagem por um único sujeito, a reivindicação de Joe Sacco do estatuto jornalístico para suas histórias em quadrinhos parece se apoiar sobre afirmação de sua identidade jornalística em cada um destes postos narrativos. (VALLE, 2010, p.116-117)

A análise estende-se mais especificamente para o campo do testemunho, fator que confere credibilidade à narrativa enquanto proposta jornalística:

(...) ele reivindica uma autoridade que se baseia sobre sua condição de testemunha. O testemunho é uma declaração certificada pela afirmação da presença do repórter na arena dos acontecimentos. Nesse sentido, a condição de testemunha é concedida pelo leitor que acredita em sua afirmação de “ter estado lá” (...). Sacco se identifica como jornalista e explica que aquilo que irá narrar se funda em procedimentos profissionais de coleta e apresentação de informações. Sendo assim, parece-me que mais que reivindicar a condição de testemunha, o repórter propõe um tipo particular de testemunho, que chamo de testemunho jornalístico e que se apóia sobre a identidade jornalística de seu autor, o modo de narrar jornalístico e a encenação do trabalho de investigação jornalística pela personagem (VALLE, 2010, p. 118).

Por fim, ao concluir sua dissertação, Valle apresenta considerações que identificam na obra de Sacco, por meio da afirmação de sua identidade jornalística, a legitimação de suas reportagens em quadrinhos e, por consequência, a promoção do resgate de uma visão romântica da profissão e uma crítica ao jornalismo praticado na atualidade.

### 6.3 MARJANE SATRAPI

Marjane Ebihamis, mais conhecida pela sua alcunha artística, Marjane Satrapi, nasceu em 1969, no Irã. É formada em Comunicação Visual pela Universidade de Teerã e mestre na mesma área pela Faculdade de Belas Artes de Teerã. Trabalha atualmente como romancista

gráfica, ilustradora e escritora infanto-juvenil, tendo recebido reconhecimento internacional como a primeira mulher iraniana a realizar quadrinhos.

Em sua carreira, o destaque especial fica com a série Persépolis, quadrinhos autobiográficos lançados originalmente em quatro volumes, cuja versão em desenho animado foi premiada pelo júri do Festival de Cannes e indicada ao Oscar. Persépolis descreve passagens da vida da autora, da infância até sua vida adulta, retratando o Irã durante e depois da revolução islâmica. Desenhada em preto e branco, a *graphic novel* encontrou grande popularidade após seu lançamento, e foi traduzido para várias línguas (Ver Anexo 9).

Uma análise interessante da obra é proposta através da monografia “Persépolis: aproximações com o jornalismo literário nos quadrinhos de Marjane Satrapi”, apresentada pela jornalista Manuella de Oliveira Rezende ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Na pesquisa, Rezende busca identificar e analisar os recursos do Jornalismo Literário presentes na obra, preceitos recorrentes que se manifestam tanto no estrato verbal quanto no icônico.

(...) com a assimilação de fatos a realidade por um gênero que foi durante muito tempo visto como mera fonte de entretenimento para crianças e adolescentes, os quadrinhos se resignificam e se tornam uma potencial fonte de estudos. A autobiografia da iraniana Marjane Satrapi (...) traz a todo momento elementos da política do Irã, traçando assim, um quadro de como foi a implantação do regime xiita no país e suas consequências para a população. São esses fatos que conduzem a narrativa de Marjane e que nos instigam a procurar aproximações com o Jornalismo Literário, na medida em que se apresenta como uma forma de ultrapassar as barreiras do tradicional *lead*, trazendo uma visão ampla e humanizada dos fatos. (RESENDE, 2009, p.19)

Em sua análise, Resende identifica na obra de Satrapi elementos dos quatro modos de organização do discurso, presentes na teoria semiolinguística: enunciativo, narrativo, argumentativo e descritivo.

#### 6.4 DIDIER LEFÈVRE

O francês Didier Lefèvre (1957-2007) entrou para o grupo Médicos Sem Fronteiras como farmacêutico, mas logo tornou-se repórter fotográfico nas expedições em que integrou. A participação em uma viagem ao Afeganistão no período pré-*talebã* rendeu fotos que originaram a série de três livros que compõem uma grande reportagem chamada O Fotógrafo, obra complementada com o roteiro e desenhos de Emmanuel Guibert e diagramação e cores de Frédéric Lemerrier. Durante sua carreira profissional e sua militância junto aos Médicos Sem Fronteiras, Lefèvre esteve em lugares como Afeganistão, Kosovo, Sri Lanka, Etiópia, Somália, Eritreia, Djibouti, Libéria, Cambodja, Malawi e Nova Guiné.

A obra, construída em três tomos, vai além da mescla desenho/texto característica da linguagem híbrida dos quadrinhos, pois utiliza um segundo elemento visual no enunciado discursivo: a fotografia (Ver Anexo 10).

Para o crítico cultural português Pedro de Moura, quando do lançamento do 3º tomo da obra *O Fotógrafo*, a série representa um marco na banda desenhada: “A reportagem (...) já terminou, mas não a viagem, ou melhor, a memória dupla – a sua e a que a banda desenhada recria – dela, que é o objecto destes livros”. Vai ainda além e esclarece:

As considerações metalinguísticas subtis continuam em jogo, tal como o interessantíssimo e criador diálogo entre o desenho e a fotografia. A imediata equação complexa que estes livros trazem à tona é a do tempo (da representação), redes sempre e constantemente relançadas. Se o desenho representa o passado invocado pelas palavras de Didier, a sua criação, a sua instauração, enquanto desenho, leva-nos ao presente da narrativa; e a fotografia, um “*click*” no presente que Barthes diz ser um “isto foi”, a sua concretização só é possível num futuro (após o trabalho de revelação, e que palavra esta!). (...) Outra relação é a estabelecida com o texto: guardadas as fotografias para o “silêncio” (textual), não quer dizer que não guardem em si sons, quer o que se acompanha pelas palavras de Guibert-Lefèvre, quer os descritos pelos textos, como a “ambiência sonora” (MOURA, 2006).

Mesclando o texto, o desenho e a fotografia, ambos trabalhados a quatro mãos com Guibert, ao enlace da diagramação e do tratamento de cores oferecido por Lemercier, *O Fotógrafo* é uma obra ainda ímpar, pouco abordada em estudos acadêmicos, porém detentora de grande reconhecimento por parte de crítica e leitores.

## **7 UM POUCO DO QUE SE FAZ NO BRASIL**

Embora o Jornalismo em Quadrinhos viva um momento de franca expansão e consolidação no Brasil, esse movimento ainda carece de representatividade de mercado. Há pelo menos uma década se tem notícias de diversas experiências postas em práticas, algumas até mesmo dentro da mídia tradicional, porém nada que se compare ao volume de trabalhos e pesquisas desencadeados em meio acadêmico. O primeiro evento voltado exclusivamente ao debate do Jornalismo em Quadrinhos que se tem notícia em termos globais também é algo que merece ser destacado. Em entrevista concedida para este artigo, o idealizador do I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos, Augusto Paim, fala sobre esse contexto:

Essa ligação com a academia é MUITO positiva. É só com o crescimento e a qualificação de pesquisas acadêmicas na área que o Jornalismo em Quadrinhos pode crescer e se consolidar como gênero jornalístico e também como objeto teórico merecedor de estudos. Ou seja, é a pesquisa acadêmica quem vai trazer densidade e legitimação ao JQ. Isso para mim é um mantra e guiou inclusive o perfil dos palestrantes escolhidos para o I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos que organizamos ano passado. Era um encontro que aliava debate teórico a questões do processo de produção. E uma marca do crescimento do JQ, no meu ver, se mostra exatamente no crescimento das pesquisas acadêmicas. Há 4 anos se contava nos dedos o número de monografias sobre o tema. Hoje, em toda universidade do Brasil há pelo menos um aluno pesquisando o tema. (PAIM, 2011, entrevista) (Ver Apêndice 2)

A ausência quase total de obras mais extensas, como os livros-reportagem de Joe Sacco entre os autores nacionais também merece a reflexão do pesquisador:

Gostaria de dizer que é apenas uma questão de qualificar o trabalho dos autores brasileiros, mas na prática sei que o mercado não gira só em torno de qualidade. Há também critérios comerciais. Há gente que alia as duas coisas, como o Joe Sacco, que tem muita qualidade, mas também atende a uma demanda de interesse nos assuntos que ele aborda. Por outro lado, há muita gente boa à margem do mercado editorial. A mim parece que falta no Brasil alguém com um tema realmente bom e relevante e com capacidade para fazer um trabalho quadrinístico maduro. De resto, já há vários jornais investindo em matérias ou reportagens em quadrinhos, mas não há o aprofundamento de um trabalho como o de Joe Sacco. Geralmente, são só matérias ilustradas, sem um uso mais elaborado do poder informativo e narrativo da linguagem dos quadrinhos. (PAIM, 2010) (Ver Apêndice 2)

No Brasil existem diversos exemplos de utilização da linguagem da Arte Sequencial como suporte ao Jornalismo. São matérias curtas, reportagens integrais ou sequenciadas, apanhados históricos, reconstituições e até entrevistas. Selecionamos quatro produtos para exemplificar essa produção e a sua multiplicidade de formatos e possibilidades.

#### 7.1 JUVENTUDE: TEMPO DE CRESCER

Produzida por Augusto Paim, a reportagem em quadrinhos “Juventude: em tempo de crescer” foi publicada em seis páginas pela Revista Continuum (Itaú Cultural) em julho de 2010. O argumento aborda aspectos relativos ao Esporte Clube Juventude, time de futebol da cidade de Caxias do Sul – RS. Com apuração, roteiro e redação de Paim, a reportagem recebeu ainda as ilustrações de Ana Luiza Koehler. Embora concebida para o formato impresso, a reportagem está disponível para leitura em formato digital, hospedada em sistema *flip* no endereço [http://issuu.com/augustomachadopaim/docs/quadrinhos/1?mode=a\\_p](http://issuu.com/augustomachadopaim/docs/quadrinhos/1?mode=a_p). (Ver Anexo 11)

Conforme informa em seu site ([www.augustopaim.com.br](http://www.augustopaim.com.br)), o autor começou a pesquisar sobre Jornalismo em Quadrinhos em seu trabalho de conclusão no curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A monografia, “Análise de estratégias discursivas na narrativa de Jornalismo em Quadrinhos ‘Palestina: na faixa de Gaza’ de Joe Sacco”, foi defendida em março de 2007.

#### 7.2 A MARCHA DA MACONHA

Uma reportagem em quadrinhos interessante foi produzida por Marcelo Lima (argumento, reportagem e roteiro), Hortêncio Nepomuceno (argumento e reportagem) e Fabiano Gummo (arte). Intitulada “A Marcha da Maconha”, a reportagem foi veiculada na revista Fraude, produzida pelo Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), caracterizada pela veiculação de produções de jornalismo cultural. (Ver Anexo 6)

Foi considerando a potencialização do Jornalismo através do diálogo entre arte e informação que a equipe Fraude inaugurou em 2008 a editoria Imaginando. As reportagens presentes nessa editoria possuem linguagem experimental e artística, procurando inovar em suas abordagens. A inserção de quadrinhos nessa editoria veio na inspiração de obras consideradas Jornalismo em Quadrinhos (...). Essas obras relatam dramas humanos, através de temas sociais importantes que aparecem nos noticiários e nos jornais frequentemente, porém sem o aprofundamento autobiográfico do relato oferecido por esses artistas. Por essa razão, escolhemos um tema social de destaque, que pouco é aprofundado pelas mídias massivas, para, de forma análoga a Joe Sacco, “dar visibilidade aos árabes invisíveis” (ARBEX, 2004). Ou seja, deixar que os militantes a favor da legalização da maconha falem sobre suas razões de militância. (LIMA, NEPOMUCENO, AYRES e PICADO, 2009, p.1)

Segundo relataram os autores no *paper* onde a reportagem foi apresentado ao XVI Prêmio Expocom, o principal objetivo foi experimentar o uso de narrativas quadrinhísticas na elaboração de reportagens de caráter descritivo e autoral. “O quadrinho busca relatar experiências vividas pelos repórteres durante a marcha realizada na cidade de Salvador e marcada para acontecer no dia 4 de maio de 2008, em mais de 200 cidades do mundo” (2009, p.2).

### 7.3 O ADEUS AO REI DO POP

O potencial da produção de Jornalismo em Quadrinhos, se ainda encontra obstáculos para a sua veiculação no meio impresso tradicional, é amparado no meio digital, onde cada vez mais tem sido objeto de experimentação em termos de hibridização de linguagens e mescla de recursos hipermediáticos.

Um produto referencial é a reportagem em quadrinhos veiculada no portal G1 ([www.g1.com.br](http://www.g1.com.br)) a respeito da morte do astro pop Michael Jackson. Publicada em dois capítulos, teve como autores Diego Assis (texto), Rafael Delatorre (desenhos) e Rodrigo Chiesa (layout). Os textos “Os últimos dias de Michael Jackson” (15 páginas) e “O adeus ao Rei do Pop” (24 páginas) foram veiculados consecutivamente nos dias 3 e 4 de setembro de 2009. (Ver Anexo 3)

Ainda disponível (acesso em 17 de junho de 2011), a reportagem utiliza fartamente as hiperligações externas. Uma vez que na maior parte dos quadrinhos está representada uma referência externa que serve de base ao roteiro, o simples clicar do mouse leva o leitor diretamente da HQ para a reportagem referencial que a baseia. Ao longo das 39 páginas são pelo menos 40 hiperlinks utilizados remetendo a reportagens, fotografias, depoimentos e documentos.

### 7.4 QUADRINHOS EM QUADRINHOS

Um dos trabalhos mais interessantes e curiosos que encontramos durante a coleta de dados para análise neste artigo é o blog mantido pelo jornalista e quadrinhista Audaci Jr (<http://www.hqemhq.com/>), dedicado a publicação quinzenal de resenhas a respeito de Histórias em Quadrinhos.

Porém o leitor pode se questionar neste ponto se não estaríamos confundindo Jornalismo *EM* Quadrinhos com Jornalismo *DE* Quadrinhos. O que Audaci realiza através de seu blog une as duas propostas, ou seja, falar sobre quadrinhos e reportar lançamentos ou edições referenciais através de resenhas críticas, vertendo esse proceder à instância mais elevada da utilização da própria linguagem híbrida característica da Arte Sequencial. As resenhas são apresentadas em formato de quadrinhos. Mais ainda, apropria-se do estilo dos autores abordados para criar essas resenhas.

Na definição do blog o autor sintetiza: “Resenhas quinzenais de Histórias em Quadrinhos em História em Quadrinhos, mimetizando estilos narrativos e/ou artísticos das obras radiografadas”. Até onde se pôde apurar, é a primeira experiência de crítica literária desempenhada através dos recursos da Arte Sequencial, no caso analisando produtos da própria Arte Sequencial. Representa já um novo viés dentro do Jornalismo em Quadrinhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um novo gênero? Talvez. Uma nova forma? Seguramente. Uma nova interpretação? Concretamente. Respostas ainda precisam ser construídas, porém já podemos identificar ao finalizar este trabalho, a concretude da proposta do Jornalismo em Quadrinhos enquanto no gênero em meio às múltiplas interfaces informativas da atualidade. Fatos são fatos e o Jornalismo em Quadrinhos, embora ainda seja um termo que circula entre diversas possibilidades conceituais, a cada dia ganha contornos mais concretos. Percebemos ao longo do trabalho de pesquisa que a comunicação em suas mais diversas possibilidades conceituais alcança em nosso tempo o advento da hibridização de linguagens e plataformas. Em obras identificadas dentro deste novo gênero, palavras e imagens interagem na construção de planos seqüenciais, reproduzindo interpretações do real através de modos de produção atrelados às técnicas do jornalismo, porém propondo um viés de redescoberta do verdadeiro sentido da reportagem, que não apenas retrata o real, mas o circunda e o projeta além da objetividade do *lead* e de suas perguntas clássicas, porém sem deixar de responde-lo.

O Jornalismo em Quadrinhos legitima-se como gênero a partir dos procederes adotados por seus realizadores (testemunho, apuração, documentação), contemplando conceitos considerados obrigatórios ao fazer jornalístico. Essa nova forma tem reunido cada vês mais adeptos e admiradores, estudos somam-se no sentido de analisar o que tem se produzido a respeito e, talvez o mais relevante, através de autores conceituais tem se revelado também um produto cultural potencial.

(...) o uso das histórias em quadrinhos para narrar fatos reais é tão, ou mais, eficaz quanto outros meios de comunicação, pois utiliza (...) além dos recursos da linguagem verbal, signos pictográficos que auxiliam na compreensão do leitor, inclusive preenchendo lacunas deixadas por informações subjetivas que não podem ser expressas em palavras, ou que não transparecem em uma fotografia. Os níveis de representação gráfica, desde o mais realista, passando pelo mais icônico, até o mais abstrato, determinam como o leitor será atingido emocionalmente, seja com o auxílio da linguagem verbal ou não. (...) Nos quadrinhos tudo é possível, desde a mais improvável ficção até a realidade. (GONÇALVES, 2005, p. 38-39)

Se todo enunciado comunicativo é em seu princípio um enunciado narrativo, a assimilação das possibilidades expressivas da Arte Sequencial convertidas a suporte para o desenvolvimento da reportagem, descortinam mais que um meio ou gênero, talvez até mesmo o despertar de um novo modo de produção.

Habitualmente consideradas como mera fonte de entretenimento destinada a crianças e adolescentes, as histórias em quadrinhos também podem ser utilizadas para narrar fatos reais ou histórias de vida (...). A união de elementos verbais e icônicos permite transmitir com maior realidade os acontecimentos. Assim, o jornalismo também tem se apropriado cada vez mais dos quadrinhos, seja para reconstituir determinada notícia em jornais ou revistas, seja em uma obra essencialmente quadrinhográfica. Desse modo o Jornalismo em Quadrinhos, assim como o Jornalismo Literário, se revela como mais uma maneira de apresentar os fatos, tornando-os mais atrativos ao leitor. (RESENDE, 2009, p.73)

A naturalidade com que um jornalista, como Joe Sacco, apropria-se da potencialidade expressiva da Arte Sequencial para ampliar as potencialidades narrativas de sua reportagem é algo que se fundamenta em uma inter-relação de coexistência presente na própria gênese das plataformas, citamos o jornalismo e os quadrinhos como os conhecemos hoje e, o híbrido do híbrido, o jornalismo em quadrinhos como se projeta a partir das experiências pioneiras de Spiegelman, Sacco e outros, para o desafio presente e futuro também da incorporação adequada dos modernos recursos tecnológicos dos meios digitais, que podem ampliar ainda mais a relação já compartilhada com sucesso no meio impresso.

As HQ's jamais se ausentaram do meio jornalístico. O que se nota a partir desta pesquisa é a busca por um novo nível desta relação, onde o proceder do fazer quadrinhos vai além do talento criativo do artista, hoje encontrando amparo no talento construtivo e interpretativo do jornalista. Não há como conceber-se a partir disto a simples alocação do termo Histórias em Quadrinhos em meio ao gênero “entretenimento”, mas sim vincula-lo como plataforma de suporte a um novo modo de fazer Jornalismo, legitimamente denominado de Jornalismo em Quadrinhos.

Os esforços de pesquisa despendidos no meio acadêmico são prova concreta da legitimidade da plataforma dos quadrinhos como suporte ao fazer jornalístico, explicitando que já há pelo menos duas décadas estão em construção as bases do movimento que hoje ganha ex-

posição. Para concluir o presente artigo evocamos mais uma vez as palavras do *hq-repórter* Joe Sacco: "Nas histórias em quadrinhos, contamos com a repetição das imagens para criar a atmosfera. O repórter fotográfico está sempre atrás da boa foto - ele procura por um instante. Mas eu estou em busca de uma época".

## REFERÊNCIAS:

ASSIS, Diego; DELATORRE, Rafael; CHIESA, Rodrigo. **O adeus ao Rei do Pop**. História em quadrinhos *online*, disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1292247-7085,00-O+ADEUS+AO+REI+DO+POP.html> , acesso em 19/06/2011.

ASSIS, Diego; DELATORRE, Rafael; CHIESA, Rodrigo. **Os últimos dias de Michael Jackson**. História em quadrinhos *online*, disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1290695-7085,00-OS+ULTIMOS+DIAS+DE+MICHAEL+JACKSON.html> , acesso em 19/06/2011.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In: Análise estrutural da narrativa. Coleção Novas Perspectivas em Comunicação. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

CIRNE, Moacy. **Pensando um quadrinho documentário**. Artigo. Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, 2002.

CORBARI, Marcos Antonio. Entrevista com Augusto Machado Paim. Via email. 17/06/2011. (Ver Apêndice 2)

COZER, Raquel. **Notícias em HQ**. Entrevista com Joe Sacco, Jornal Estado de São Paulo, versão *online*, publicado em 16/09/2010, disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/a-biblioteca-de-raquel/2010/09/28/o-que-ninguem-contou-sobre-gaza/> , acesso em 19/06/2011.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EL-HADDAD, Laila. **Interview: Joe Sacco**. Entrevista com Joe Sacco para o portal de internet da rede Al Jazeera, publicado em 18 de janeiro de 2010, disponível em: <http://english.aljazeera.net/focus/2010/01/201011783113578937.html> , acesso em 19/06/2011.

FRANCO, Edgar Silveira. **Histórias em Quadrinhos e Hipermídia**: uma experiência de criação utilizando a hibridização de linguagens. Artigo. Núcleo de Pesquisa 16, IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

GAIARSA, José. **Desde a pré-história até McLuhan**. In: Moya, Alvaro de. Shazan. São Paulo: Perspectiva, 1970, PP. 115-120.

GONÇALVES, Maurício Rodrigues. **Maus: uma visão metafórica da realidade através dos quadrinhos verdade**. Monografia. Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2005.

JARCEM, René Gomes Rodrigues. **A história das histórias em quadrinhos**. In História, imagens e narrativas. No. 5, setembro de 2007.



LEFÈVERE, Didier; GUIBERT, Emmanuel; LEMERCIER, Frédéric. **O Fotógrafo** – Volume 1. São Paulo: Conrad, 2010.

LEFÈVERE, Didier; GUIBERT, Emmanuel; LEMERCIER, Frédéric. **O Fotógrafo** – Volume 2. São Paulo: Conrad, 2008.

LEFÈVERE, Didier; GUIBERT, Emmanuel; LEMERCIER, Frédéric. **O Fotógrafo** – Volume 3. São Paulo: Conrad, 2010.

LIMA, Edevaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Editora Manole, 2008.

LIMA, Marcelo; NEPOMUCENO, Hortência; AYRES Marcel; PICADO, José Benjamin. **A Marcha da Maconha**: Jornalismo em Quadrinhos. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

LIMA, Marcelo; NEPOMUCENO, Hortência; GUMMO, Fabiano. **A Marcha da Maconha**. Reportagem em quadrinhos. Revista Fraude, n.6, setembro de 2008. Salvador, 2008.

LUTYEN, Sofia. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos**: repensando a questão. In Revista Symposium (Ano 5, número 1, janeiro-junho 2001). Rio de Janeiro: Pontífica Universidade Católica, 2001.

MOURA, Pedro. **Le Photographe, 3º vol. Guibert, Lefèvre, Lemercier**. Acesso em 16 de junho de 2011. <http://lerbd.blogspot.com/2006/02/le-photographe-3-vol-guibert-lefvre.html>

PAIM, Augusto Machado. Análise de estratégias discursivas na narrativa de Jornalismo em Quadrinhos “Palestina: na faixa de Gaza”, de Joe Sacco. Monografia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

PAIM, Augusto Machado. Jornalismo em Quadrinhos. Disponível em [http://www.augustopaim.com.br/jornalismo\\_quadrinhos.asp](http://www.augustopaim.com.br/jornalismo_quadrinhos.asp) , acesso em 19/06/2011.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PEREIRA JR, Luiz Costa - **Jornalismo em quadrinhos**. In Revista Língua, versão online, agosto de 2007. Disponível em <http://www.revistalingua.com.br/textos.asp?codigo=11381> , acesso em 19/06/2011.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. **A biografia no âmbito do jornalismo literário**: análise comparativa das biografias Olga, de Fernando Moraes e Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 30, de José Joffily.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Histórias em Quadrinhos**: um meio Intermediático. Artigo. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

- RAHDE, Maria Beatriz. **Origem e evolução das histórias em quadrinhos**. Projeto de pesquisa. In Revista Famecos, n.5, novembro de 1996. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 1996.
- RESENDE, Manuela de Oliveira. **Persépolis: aproximação com o Jornalismo Literário nos quadrinhos de Marjane Satrapi**. Monografia. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2009.
- RODRIGUES, Felipe. **Livro-reportagem: uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil**. Dissertação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- SACCO, Joe. **Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental 1992-1995**. São Paulo: Conrad, 2005.
- SACCO, Joe. **Derrotista**. São Paulo: Conrad, 2006.
- SACCO, Joe. **Notas sobre Gaza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SACCO, Joe. **Palestina: na faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad, 2005.
- SACCO, Joe. **Palestina: uma nação ocupada**. São Paulo: Conrad, 2000.
- SACCO, Joe. **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad, 2005.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis – Volume 1**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis – Volume 2**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis – Volume 3**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis – Volume 4**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- SILVA, Fabiano Messias; GUIMARÃES, Rafael Baldo. **Jornalismo em Quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte a narrativa jornalística**. Monografia. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.
- SILVA, Nadilson Manoel. **Elementos para a análise das histórias em quadrinhos**. Artigo. In: Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, 2001.
- SIPEGELMAN, Art. **Maus: edição completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SPIEGELMAN, Art. **À sombra das torres ausentes**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.
- TALESE, Gay. **Aos olhos da multidão**. Rio de Janeiro: Expressão & Cultura, 1973.
- VALLE, Flávio Pinto. **A reivindicação do estatuto jornalístico nas histórias em quadrinhos de Joe Sacco**. Dissertação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- VALLE, Flávio Pinto. **Quadro a quadro: reflexões sobre o Jornalismo em Quadrinhos**. Monografia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- WIKPEDIA. Consulta de verbetes em 19/06/2011: News Journalism; Jornalismo Literário; Rodolphe Topffer; Art Spiegelman; Joe Sacco; Marjane Satrapi; Didier Lefèvre.

## APÊNDICE 1

### UM SÉCULO EM QUADRINHOS<sup>9</sup>

A partir do pontapé inicial as HQ's passaram por um constante desenvolvimento ao longo da história, apropriando-se de espaço e despertando interesse crescente através de diversas formas de publicação, bem como aproveitando-se das constantes escalas de evolução tecnológica para reproduzir-se nos mais diversos formatos: tiras em jornais, revistas em quadrinhos (gibis), fanzines, coletâneas, livros e – atualmente - até mesmo em meio digital através da internet. Além de Outcault e Topffer, Rodrigues (2007) cita como precursores referenciais autores como o alemão Wilhelm Bush, o francês Georges “Christophe” Colomb e o brasileiro Angelo Agostini. Quanto aos personagens, os destaques ficam por conta de Little Nemo, Mutt & Jeff, Popeye e Krazy Kat -, respectivamente de autoria de Winsor McCay, Bud Fisher, E.C.Segar e Georges Herriman. O humor era o tema central proposto pela primeira geração de autores, daí a denominação “comics”, no inglês, “cômicos”.

Os anos 1930 seriam marcados pelo surgimento de linhas discursivas voltadas à aventura e ficção, a chamada Era de Ouro, especialmente através de personagens como Flash Gordon, Dick Tracy, Tarzan, Fantasma e Superman – respectivamente de Alex Raymond, Chester Gould, Hal Foster (adaptando E.R.Borrougs), Lee Falk e a dupla Siegel e Shuster. Em 1938 surgiria a primeira revista em quadrinhos publicada pela editora americana *DC Comics*, em seguida surgiria a “Marvel Comics, configurando a dobradinha de gigantes editoriais que disputariam o predomínio do novo mercado durante quase um século. Já em meados da década de 1940 surgiria o primeiro “super-grupo”, segundo Rodrigues, quase concomitantemente com o surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU): *All Winners Squad*, no Brasil traduzido como “Os Invasores”. Entre os integrantes desta efêmera trupe estava talvez o mais emblemático herói representante da permeação político-ideológica, o Capitão América, criado por Jack Kirby e Joe Simon. Citando que entre 1940 e 1945 seriam criados mais de 400 super-heróis, entre os quais o Batman (Bob Kane) e o Capitão Marvel (Charles Clarence Beck e Bill Parker) Rodrigues frisa que “vários personagens se alistaram para a II Guerra Mundial, e os quadrinhos se tornaram armas ideológicas para elevar o moral dos soldados e do povo” (2007, pg 5).

Os anos 1950 seriam marcados pela interpretação do psiquiatra alemão Frederic Wertham, que através da obra “A sedução do inocente”, interpretava as HQ's como meio de legitimação da corrupção de menores e da delinquência juvenil, associando personagens com conceitos então marginais, como sadomasoquismo (Mulher Maravilha) e homossexualidade (Batman & Robin). Outro aspecto refere-se ao alvo ideológico, que deixou de ser a Alemanha nazista, derrotada na grande guerra, para o comunismo soviético, considerado então a maior ameaça ao “estilo de vida americano”. Em contraponto, porém, surgiria em uma tira de jornal a série “Peanuts”, criada por Charles M. Schulz, protagonizada pelo inseguro Charlie Brown, um menino de 6 anos, e pelo filosófico Snoopy, seu cão de estimação. “Esta tira marcou o começo da era intelectual dos quadrinhos, com uma maior valorização do texto sobre as imagens” (Rodrigues, 2007, pg 06). A década de 1960 ficaria conhecida como a Era de Prata, onde ressurgiriam super-heróis clássicos como Superman, Batman, Mulher Maravilha e Flash, ganhando companhia de novas criações, como o Quarteto Fantástico, Homem Aranha, Hulk, Thor, Homem de Ferro e X-Men.

O final dos anos 1960 e a década de 1970 ficariam marcados pelo surgimento dos quadrinhos underground<sup>10</sup>, ou alternativos, buscando romper com as linhas convencionais

---

<sup>9</sup> Texto desenvolvido pelo autor, a partir de um capítulo suprimido do trabalho original

propostas a partir do conceito de industrialização e manipulação ideológica até então vigentes. Na América, Rodrigues cita como destaques quadrinhistas como Robert Crumb, Gilbert Shelton, S. Clay Wilson, Victor Moscoso e Bill Griffin. Na Europa o pesquisador cita como referenciais autores como Moebius, Phillipe Druillet, Jean Pierre Dionnet e Bernard Farkas – que reunidos criaram a revista *Métal Hurlant*, na América renomeada para *Heavy Metal* –, além de Berarid & Milazzo, Hugo Pratt e Milo Manara. A liberdade criativa permitiu ousadias até então consideradas inviáveis, como a subversão da linearidade, a transposição aos quadrinhos das imagens inspiradas nos delírios psicodélicos das drogas ácidas (LCD), a exposição da nudez e do sexo explícito, a aproximação com a literatura, além da redescoberta e do exacerbamento das possibilidades da ficção científica.

A década de 1980 ficaria marcada pela criação das novelas gráficas (*graphic novels*), onde seriam exploradas ao máximo as novas possibilidades de qualidade gráfica, a maior elaboração textual e mesmo um aprofundamento até então não visto no caráter psicológico dos personagens. Nesta fase estão inseridas algumas das publicações consideradas obras primas do universo dos quadrinhos, como *Watchmen* (David Gibbons e Alan Moore), *Batman: Cavaleiro das Trevas* (Frank Miller) e *Sandman* (Neil Gayman). Segundo Rodrigues (2007), “violência, insanidade, sensualidade e dúvidas existenciais passaram a habitar os quadrinhos”.

Na década de 1990, com a possibilidade da colorização computadorizada, um novo salto de qualidade surpreenderia leitores do mundo inteiro, definitivamente inserindo as Histórias em Quadrinhos no rol das manifestações artísticas mais elaboradas. O surgimento de novas editoras fazendo frente às gigantescas DC e Marvel ampliaria o potencial criativo dos artistas, valorizando ainda mais o trabalho em equipe, onde estão presentes em uma produção ao menos um argumentista, um roteirista, um ilustrador e um diagramador. A ampliação das possibilidades de diálogo intercultural com o crescente acesso aos novos meios de comunicação possibilitaria ainda a aproximação entre meios produtivos antagônicos, como o quadrinho clássico americano, o underground europeu e o florescente mangá japonês, permeando aspectos que vão muito além da influência no traçado dos desenhos, mas também nas plataformas de diagramação e mesmo na construção textual cada vez mais ousada e complexa.

Os anos 1990 trariam ainda uma redescoberta dos Quadrinhos pelo Jornalismo. A proposta executada por meio de alguns precursores como Joe Sacco e Art Spiegelman, depois Gui Lefreuve e Marjane Satrapi, propõem a utilização da linguagem híbrida dos quadrinhos, onde imagem e texto compactuam de um estado de interdependência simbiótica, para produzir conteúdo jornalístico. Surge então a reportagem em quadrinhos, onde a imagem não serve apenas como ilustração, mas como parte do enunciado, e, em contraponto, o texto não se detém apenas à intencionalidade enunciativa/discursiva, mas colabora como elemento de suporte dentro do contexto imagético.

---

<sup>10</sup> “Influenciados pela contracultura, os quadrinhos Underground eram marcados por tartar de questões sociais, e são eles, que vão influenciar no surgimento dos quadrinhos do real, no final da década de 1980, voltados para relatos pessoais e comprometidos com a realidade. Os quadrinhos do real vão na contramão das tradicionais histórias baseadas no fantástico, e assim, podem ser apropriados inclusive pelo jornalismo, dando origem ao Jornalismo em Quadrinhos” (REZENDE, 2009, p.9)

## APÊNDICE 2

### ENTREVISTA COM O PESQUISADOR E HQ-REPÓRTER AUGUSTO PAIM

**CORBARI:** Muitos já afirmam que o Jornalismo em Quadrinhos deve ser considerado um novo gênero jornalístico. O que você pensa a respeito disso? **PAIM:** eu acredito que é, sim, um novo gênero jornalístico, e todos meus esforços para promover o JQ tem sido a partir dessa visão. Não sei se é o único futuro possível do jornalismo, há quem diga isso, mas gosto mais da ideia de ser um gênero que ainda têm muito a crescer e ainda será muito presente na nossa vida. Particularmente acredito no potencial da linguagem frente às exigências de leitura do mundo que se anuncia. E também vejo diariamente o crescimento do JQ, o que torna essa previsão algo concreto. **CORBARI:** O Jornalismo em Quadrinhos no Brasil está muito mais presente na academia (através de dezenas de trabalhos publicados e inúmeros artigos e teses) do que no mercado propriamente dito. Você considera essa ligação com o meio acadêmico positiva? **PAIM:** Essa ligação com a academia é muito positiva. É só com o crescimento e a qualificação de pesquisas acadêmicas na área que o Jornalismo em Quadrinhos pode crescer e se consolidar como gênero jornalístico e também como objeto teórico merecedor de estudos. Ou seja, é a pesquisa acadêmica quem vai trazer densidade e legitimação ao JQ. Isso para mim é um mantra e guiou inclusive o perfil dos palestrantes escolhidos para o I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos que organizamos ano passado. Era um encontro que aliava debate teórico a questões do processo de produção. E uma marca do crescimento do JQ, no meu ver, se mostra exatamente no crescimento das pesquisas acadêmicas. Há 4 anos se contava nos dedos o número de monografias sobre o tema. Hoje, em toda universidade do Brasil há pelo menos um aluno pesquisando o tema. **CORBARI:** Qual o caminho para que os nossos HQ-repórteres alcancem reconhecimento e espaço no mercado? **PAIM:** Olha, eu gostaria de dizer que é apenas uma questão de qualificar o trabalho dos autores brasileiros, mas na prática sei que o mercado não gira só em torno de qualidade. Há também critérios comerciais. Há gente que alia as duas coisas, como o Joe Sacco, que tem muita qualidade, mas também atende a uma demanda de interesse nos assuntos que ele aborda. Por outro lado, há muita gente boa à margem do mercado editorial. A mim parece que falta no Brasil alguém com um tema realmente bom e relevante e com capacidade para fazer um trabalho quadrinístico maduro. De resto, já há vários jornais investindo em matérias ou reportagens em quadrinhos, mas não há o aprofundamento de um trabalho como o de Joe Sacco. Geralmente, são só matérias ilustradas, sem um uso mais elaborado do poder informativo e narrativo da linguagem dos quadrinhos. **CORBARI:** Um ponto comum entre boa parte dos realizadores de Jornalismo em Quadrinhos é a utilização dos meios digitais para veicular e divulgar seus trabalhos. O próprio fórum mantido no Yahoo Groups é um exemplo disso. Hoje seria possível pensar em HQ Jornalismo sem as benesses tecnológicas do mundo digital? **PAIM:** Dá uma olhada nisto aqui: <http://aencre.org/blog/2010/bol-directors-cut/> É uma HQ que só pode existir em meio virtual. Não é jornalística, é ficção, mas serve pra fazer pensar na resposta à tua pergunta. Acredito que o caminho é que cada vez seja menos necessário esse vínculo com o papel, o que abre uma série de novas possibilidades narrativas. Caso o assunto te interesse, fiz uma reportagem sobre isso: <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc43/index.asp> Por outro lado, um autor como Joe Sacco não usa praticamente nada de tecnologia digital na apuração e divulgação do seu trabalho. Até onde eu sei, ele não tem blog ou twitter, por exemplo. Então, sim, é possível pensar em JQ além do meio digital.

## ANEXO 1



Imagens da reconstituição do suposto crime cometido pelo ex-goleiro Bruno, produzidas pela polícia e veiculadas no portal [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)

Disponível em: [http://noticias.uol.com.br/album/100826bruno\\_album.jhtm#fotoNav=5](http://noticias.uol.com.br/album/100826bruno_album.jhtm#fotoNav=5)

Acesso em 19/06/2011

ANEXO 2



Sid Jacobson Ernie Colón 9 11 Timeline, disponível em <http://connect.in.com/9-11-timeline/photos-sid-jacobson-ernie-coln-9-11-timeline-3183867d3805d460.html>, acesso em 19/06/2011.

### ANEXO 3



Ao acessar a HQ, o internauta tem a possibilidade de folhear a publicação através de toques com o mouse.



Ao passar com o cursor sobre áreas dotadas de hiperlinks, aparece a indicação de uma ligação externa que pode ser acessada pelo leitor.



Se “clique” sobre o hiperlink identificado, o leitor é conduzido a uma nova tela, onde encontra-se a reportagem ou documento que foi utilizada como fonte para a composição do quadrinho.

Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1208537-7085,00.html> , acesso em 19/06/2011.



ANEXO 4



Imagem do livro Palestina, de Joe Sacco, edição em língua espanhola. Disponível em <http://doscenturias.com/2010/02/03/comics-en-clase-de-historia/>, acesso em 19/06/2011.

ANEXO 5



AFTER WHAT HAPPENED TO THE GRANDPARENTS, IT WAS A FEW MONTHS QUIET. THEN IT CAME POSTERS EVERYWHERE AND SPEECHES FROM THE GEMEINDE...

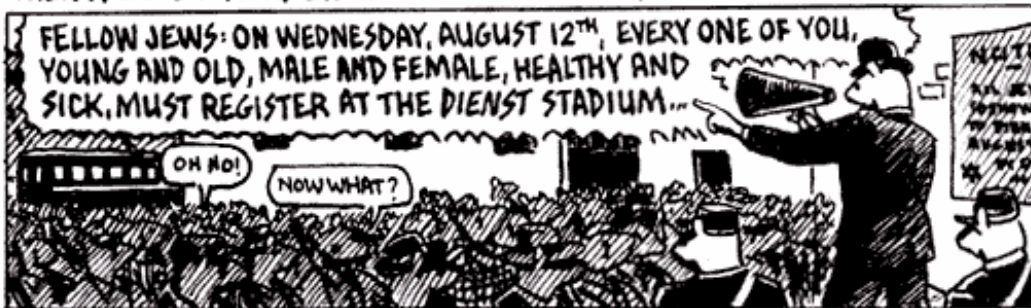


Imagem do livro Maus, de Art Spiegelman, versão em língua inglesa. Disponível em <http://blooks.com.br/2010/10/19/estrela-blooks-bruno-dorigatti-e-maus-de-art-spiegelman/>, acesso em 19/06/2011.

**A MARCHA DA MACONHA**

ARGUMENTO & REPORTAGEM  
MARCELO LIMA & ROBERTA NEPOMUCENO

ROTEIRO  
MARCELO LIMA

BYE GUANO

NO DIA 09/03/2008 ESTAVA PROGRAMADA A MARCHA DA MACONHA EM MAIS DE 200 CIDADES NO MUNDO. O LEMA, "LIBERATE MARIJUANA" REPRESENTAVA AS ANSIEDADES DE UM GRUPO. NO ENTANTO, VÁRIOS GOVERNOS ACUSARAM A ORGANIZAÇÃO DO EVENTO DE APOLOGIA AO CONSUMO DE DROGAS E PROIBIRAM QUE A MARCHA ACONTECESSE EM SEUS TERRITÓRIOS.

NO BRASILE, A MARCHA DA MACONHA ACONTECERIA EM DOZE CIDADES, MAS EFETIVAMENTE SO ACONTECEU EM QUATRO DELAS. ISSO PORQUE O SITE NACIONAL [HTTP://WWW.MARCHADAMACANHA.ORG/BLOG/](http://www.marchadamacanha.org/blog/), PERTENCENTE AO COLETIVO DE ORGANIZADORES, FOI CULPADO DE INCITAR O USO DA MACONHA EM ALGUNS FÓRUMS. HOUVERAM POLÊMICAS COMO A PRISÃO DE UM ADVOGADO, NO RIO DE JANEIRO, QUE CARREGAVA UMA PAIXA ESTAMPADA COM A FOLHA CANNABIS NATIVA E ANUNCIÓ, EM ALGUNS ESTADOS, DA ORGANIZAÇÃO DE CONTRA-MARCHAS EM PROL DA FAMÍLIA E DOS "BONS COSTUMES".

EM SALVADOR, SEMANAS ANTES DO DIA PLANEJADO PARA A MARCHA, O COORDENADOR LOCAL SÉRGIO VIDAL, PESQUISADOR DO NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE PSICOATIVOS DA UFBA, ESTAVA CONSCIO DA MAGNITUDE DO EVENTO. \*\*

A JUIZA ROSEMINDA BARRETO ACATOU LIMINAR QUE PROIBIA O ACONTECIMENTO DA MARCHA DA MACONHA SOTEROPOLITANA. FOI UMA SURPRESA!

...ESSA DECISÃO EM CIMA DA HORA COLOCOU TLDO POR AGUA ABaixo. NOSSO TRABALHO DE ANTES E MATERIAL DE DIVULGAÇÃO PARA SER USADO LÁ NO DIA ESTÁ PERDIDO!

MAS VOCÊS NÃO TEM COMO RECORRER?

- SÉRGIO, POR QUE VOCÊ SE INTERESSA PELA CAUSA?

- ASSIM... EU ME INTERESSAVA PELA QUESTÃO DOS DIREITOS DOS USUÁRIOS, ANTES DE ENTRAR NA FACULDADE. LI ALGUNS TRABALHOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE O TEMÁ E ACHEI QUE PODERIA CRIAR INFORMAÇÕES SOBRE O ASSUNTO, INCLUSIVE ELABORANDO SUGESTÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS.

- A MARCHA TEM APOIO POLÍTICO?

- HÁ APOIO DE DIVERSAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA, REDUÇÃO DE DANOS, E MELHORIA DA SAÚDE. ISSO PODE SER CONSIDERADO POLÍTICO. APOIO DE PARTIDOS? AINDA NÃO, EMBORA ESTEJAMOS TENTANDO.

- A MÍDIA TEM DADO ATENÇÃO À PREPARAÇÃO DA MARCHA?

- TEM DADO SIM. LIMA BUSCA NO GOOGLE NOS PERMITE VER VÁRIAS NOTÍCIAS DO ANO PASSADO E DEESSE ANO SOBRE O EVENTO. E AGORA A COBERTURA ESTÁ MELHOR, SUPERANDO A SIMPLES REPETIÇÃO DE OPINIÕES DE SENSO COMUM SOBRE O TEMÁ.

ENTÃO VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS ESTARÃO LÁ NO DIA?

RAPAZ, NÃO TEM COMO EU TE DIZER. SU SEI QUE NEM POSSO PENSAR LÁ OU SERET PRESO PORQUE ESTOU JUDICIALMENTE IMPEDIDO. O QUE ACONTECERÁ É IMPREVISÍVEL E NÃO TEREI NADA A VER COM O QUE ROLAR LÁ NA HORA.

38 FRAUDE 2008/09

ANEXO 7



Produções assinadas por Rudolf Topffer, no século XIX.

ANEXO 8



Imagens do Yelow Kid, considerado o personagem a “ganhar” voz na comic veiculada em jornais

ANEXO 9



ANEXO 10



ANEXO 11

Juventude em tempo de crescer

NO SEU DESEJO EM SER UM JOGADOR DE FUTEBOL, AGORA VOCÊ TEM DE ENFRENTAR A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL.

OS JOGADORES DE FUTEBOL SÃO UM MUNDO À PARTE. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL.

OS JOGADORES DE FUTEBOL SÃO UM MUNDO À PARTE. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL.

OS JOGADORES DE FUTEBOL SÃO UM MUNDO À PARTE. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL.

OS JOGADORES DE FUTEBOL SÃO UM MUNDO À PARTE. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL.

OS JOGADORES DE FUTEBOL SÃO UM MUNDO À PARTE. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL. AQUI VOCÊ ENCONTRA A REALIDADE DO MUNDO REAL.

Imagens da HQ Juventude: em tempo de crescer, de Augusto Paim, versão online disponível em

<http://issuu.com/augustomachadopaim/docs/quadrinhos?mode=embed&viewMode=presentation&layout=http%3A%2F%2Fskin.issuu.com%2Fv%2Fcolor%2Flayout.xml&backgroundColor=000000&showFlipBtn=true> , acesso em 19/06/2011.





# I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos



**28 de outubro**  
Quinta-feira

**19h30 | Goethe-Institut**  
Palestra "A história do  
Jornalismo em Quadrinhos"

**20h30 | Goethe-Institut**  
Mesa-redonda "Jornalismo  
em Quadrinhos: entreteni-  
mento ou profundidade?"

**Convidados:**

Aristides Dutra (RJ)  
Atak (Alemanha)  
Felipe Muanis (RJ)  
Gilmar Rodrigues (RJ)  
Jens Harder (Alemanha)  
Spacca (SP)

**29 de outubro**  
Sexta-feira

**19h30 | Goethe-Institut**  
Mesa-redonda "quadrinhos:  
ficção ou não-ficção?"  
1ª parte

**20h30 | Goethe-Institut**  
Palestra "A informação  
na imagem"

**Exposições:**

"O Jornalismo em Quadrinhos pelo mundo"  
Goethe-Institut - Rua 24 de Outubro, 112  
28 a 30 de outubro de 2010

"Comics, Manga & Co - A nova cultura de quadrinhos alemães"  
Centro Cultural CEEE Erico Verissimo -  
Rua dos Andradas, 1223  
26 de outubro, 19h abertura. Visitação até  
15 de novembro de 2010

**30 de outubro**  
Sábado

**16h30 | Centro Cultural  
CEEE Erico Verissimo**  
Mesa-redonda "quadrinhos:  
ficção ou não-ficção?"  
2ª parte

**19h | Centro Cultural  
CEEE Erico Verissimo**  
Bate-papo sobre  
Jornalismo em Quadrinhos



Cobertura no twitter @EIJO e transmissão  
via webtv no blog [www.cabruuum.blogspot.com](http://www.cabruuum.blogspot.com).  
Você encontra a programação completa e  
informações sobre os convidados na seção  
"Eventos" do site [www.goethe.de/portoalegre](http://www.goethe.de/portoalegre).